

VIVEIROS DE PEIXES DO RECIFE

Admite o comandante ALBERTO VASCONCELOS, autor de várias contribuições sobre a pesca, que a existência dos "viveiros" de peixe do Recife, remonta à época anterior à colonização portuguesa, atribuindo a sua utilização aos índios Caetés, aqueles mesmos "que nos legaram a jangada de apeíba (Apeíba tiburouhou) ou "pau de jangada", ainda hoje usada pelos pescadores do Nordeste brasileiro"

Embora APOLÔNIO PERES, em seu trabalho *Indústrias de Pernambuco (Recife, 1935)*, atribua aos holandeses a iniciativa da sua instalação, durante o seu domínio ali, tudo faz crer que o "viveiro" recifense, como judiciosamente conclui aquele especialista, tivesse surgido, a princípio, como simples armadilha, onde o peixe penetrasse durante a maré alta para ser colhido, após, facilmente, pelo índio na baixa-maré. Atentando-se na primitiva topografia que representava a vasta planície recifense, onde predominava o alagado, o mangal vasto e o rendilhado dos meandros da maré, tal hipótese é a mais aceitável. A cartografia antiga bem ilustra esse juízo. Uma planta da cidade do Recife, relativamente recente, datada de 1906, existente no Museu do Estado de Pernambuco, indica vários "viveiros" então localizados entre o Passeio Público, Jardim 13 de Maio e Parque Amirim, logradouros esses integrantes, hoje, do centro da cidade.

Tal documento é um comprovante de que a cidade se estendeu em terreno conquistado com o atêrro de alagados e de antigos "viveiros" modificando, assim, a sua fisionomia. A maior parte de terra firme que a cidade ostenta em nossos dias, deve-se, sem dúvida, à mão do homem. Depondo a respeito, VASCONCELLOS SOBRINHO (vegetação dos mangues da foz do Capibaribe, Boletim da Secretaria de Agricultura de Pernambuco, setembro 1937), afirma que a cidade do Recife foi-se construindo, a princípio nos terrenos pouco firmes que no tempo da sua fundação já existiam, devendo-se ao homem a solidificação do terreno. Calcula o mesmo autor ser de cerca de cinco mil hectares a área ocupada por mangues na baixada dominada pela confluência dos rios Capibaribe e Beberibe, a qual se estende desde "o sopé dos morros de Olinda, ao norte, dos morros de Beberibe, de Dois Irmãos e de Tijipiô para o lado do continente e para o lado do sul se prolongando em planície arenosa até o município do Cabo".

O biólogo FREDERICO FREIRE, em trabalho a que deu o título de *A importância da conservação dos mangues como viveiros de peixes (Anexos do Primeiro Congresso Nacional de Pesca, Rio de Janeiro, 1945)*, reforça essa assertiva ao lembrar a necessidade de defesa dos manguezais, declarando que, pelos estudos e pesquisas levados a efeito, se pode prever o imenso depósito de peixes existente dentro de um cinto ininterrupto de mangues. E o Recife, mesmo ainda hoje, oferece, nesse particular, aspectos típicos do que era a sua paisagem na época em que surgiu como núcleo de humildes pescadores, que ali tranqüilamente se fixaram à espera do vaivém das marés.

Existindo escassamente em outras zonas da costa nordestina, como por exemplo, na capital paraibana, o "viveiro" de peixe, entretanto, mais típico é o recifense, por emprestar uma gritante e tradicional característica à paisagem local, que data de mais de três séculos. BARLEUS, MARCGRAAVE, PISO e outros, para citar aqui os mais remotos cientistas, dedicaram-lhe estudos e pesquisas, ocupando-se da sua presença no ambiente cultural, do nascente burgo.

Disseminam-se os "viveiros" recifenses, nos estuários e na parte onde se alarga ou penetra a maré. A sua presença é encontrada, com maior freqüência, nos subúrbios de Afogados e de Santo Amaro.

Em face de um desses tanques de criação de peixes, percebe-se logo quanto é rudimentar a sua construção. Oferecendo o local condições naturais, nada mais se fez senão cavar a parte próxima à maré, de onde foi retirada a lama e o barro necessários à construção de uma barragem, com a função de defender o reservatório da maré mais alta, tarefa, após, completada com a colocação da "porta d'água", espécie de comporta que estabelece comunicação com o estuário, dique, ou braço de maré. Essa "porta d'água", segundo especificação do biólogo OTO SCHUBART, "tem uma abertura de cerca de um metro quadrado, fechada só pela grade de metal, enquadrada num paredão forte construído de tijolos, na base do qual há um cano para esgotar a água do "viveiro" na baixa-mar. Pela "porta d'água" entra duas vezes por dia, durante a enchente água nova. O feitiço dessa peça varia; em alguns casos é vedada por uma simples grade de madeira".

Completa o aparelhamento do viveiro a colocação de garranchos em toda a sua extensão. Servem os garranchos para evitar as pescarias clandestinas, tendo entretanto a função específica de servir de habitat de algas, (lodo) que servem de alimentação aos peixes. Observa-se ao lado de alguns viveiros um outro reservatório ou tanque oferecendo o aspecto

de viveiros geminados. Esses reservatórios se comunicam com os viveiros propriamente ditos, por um tubo que representa a "porta d'água" Há também viveiros cuja barragem se estende em toda a sua extensão, variando também outros aspectos O mais típico entretanto, é o que foi antes descrito.

Relativamente à qualidade e ao tamanho dos "viveiros" do Recife o Sr SCHUBART publicou na revista os resultados de um inquérito levado a efeito em 1935, os quais foram os seguintes:

TAMANHO	Nº DOS VIVEIROS
até 999 m ³	58
1 000 — 1 999 m ³	76
2 000 — 2 999 m ³	46
3 000 — 5 000 m ³	54
5 001 — 10 000 m ³	26
10 001 — 20 000 m ³	19
mais de 20 000 m ³	3

A espécie principal da fauna desses viveiros é a curimã (*Mugil cephalis*) A curimã segundo o comandante ALBERTO VASCONCELLOS já citado, tem a grande vantagem de dar-se bem nos viveiros, onde as águas semi-estagnadas facilitam o desenvolvimento da vegetação aquática (lôdo vulgar), que lhe serve de alimento abundante e é fator não só da engorda e crescimento rápidos, como da ausência do cheiro e gosto de lama, observados nos que não são criados em viveiros O nome de curimã resultou da corruptela da classificação científica dada por MARCGRAAVE, em 1648, que a chamou *Mugil Curêma*.

Além da curimã, cotam-se na fauna dos viveiros outros peixes considerados de idêntico valor econômico, tais como: camorim (*Centropomus undecimalis*), carapeba (*Diapterus rhombobebus*) e tainha (*Musil incilis*) As outras espécies existentes são, contando-se entre esses últimos alguns carnívoros que prejudicam grandemente a criação nos viveiros: Agulha (*Hemirhamphus*); Amoré (*Gobius*); Baiacu (*Lagocephalus*); Bicuda (*Sphyaena sphyraena*); Bôca-de-fogo (? *Gobius*); Camori-pi (*Megalops*); Carapicu-açu (*Eucinostomus*); Caranha (*Neomaenis*); Carapitinga (*Diapterus*); Mero (*Promicrops*); Peixe-rei (); Pescada (*Cynoscion*); Sardinha (*Clupea*); Salgo (*Archosargus*); Solha-tapa (*Achirus*); Tintim (*Poecilia*); Ubarana (*Elops*)

A pescaria nos viveiros é feita anualmente, invariavelmente, por ocasião da quaresma

Pode-se mesmo afirmar que o consumo de peixes durante a "Semana Santa, no Recife, é suprido pelo produto retirado dos viveiros locais Constitui uma tradição da cidade a pescaria das centenas dos seus viveiros, naquela época O cunho pitoresco dessa tarefa tem sido descrito com vivas cores, por vários cronistas e homens da imprensa, destacando-se nesse gênero, uma longa e recente reportagem de autoria do jornalista PAULO PEDROSA, inserta no Diário de Pernambuco

Começando a limpa e a secação do viveiro logo na segunda-feira, os dias de quarta-feira de trevas e de quinta-feira santa são os dedicados à pescaria que se transformam em animadas reuniões populares nos "bardos" dos viveiros

Antes, alguns dias, é lacrada a "porta d'água" para esgotar o maior volume de água e retirados os garranchos existentes

À noite daqueles dias, começa, então, a pescaria que decorre com a assistência ruidosa das numerosas pessoas que afluem a tais locais, atraídas pelos aspectos pitorescos que a tarefa oferece. Lançada n'água uma grande rede de pescaria denominada "arrastão", tecida de algodão fiado de malhas regulares, a qual é disposta longitudinalmente no viveiro e após movimentada por pescadores que a seguram em toda a sua extensão dirigidos pelos proprietários ou seus prepostos

Partindo de determinado extremo do viveiro, avança a rede lentamente, vencendo os seus condutores, com dificuldade a lama em que estão atolados, cercando desse modo os peixes Conjugando os esforços com os que estão dentro da água duas turmas de homens em pontos extremos e localizadas no "bardo" do viveiro vão recolhendo a rede Ao apertar o espaço dentro do viveiro, os peixes procuram reagir ao cerco, vendo-se nessa ocasião a fúria com que procuram escapar.

Terminada a tarefa é jogada toda a pescaria no "bardo", sendo ali mesmo negociada, entre os interessados presentes quando antes não tenha sido o produto vendido por atacado a algum "pombeiro".

CARLOS PEDROSA

